

Entre desejo e dominação: o africano em *Um dia chegarei a Sagres* de Nélida Piñon

*Between Desire and Domination: the African in Um dia
chegarei a Sagres by Nélida Piñon*

Sandra Sousa

University of Central Florida (UCF) | Orlando | FL | EUA

sandra.sousa@ucf.edu

<https://orcid.org/0000-0003-1571-0323>

RESUMO: O artigo analisa o romance *Um Dia Chegarei a Sagres* (2020), de Nélida Piñon, com o objetivo de compreender a representação do “Africano” Akin e a sua relação com Mateus, narrador e protagonista. O estudo utiliza método de análise literária crítica, articulando referências históricas, sociais e culturais do século XIX com teorias sobre colonialismo, alteridade e sexualidade. O resultado da investigação demonstra que a relação homoafetiva entre Mateus e Akin se inscreve num espaço ambíguo, ora reproduzindo dinâmicas de poder e dominação colonial, ora subvertendo normas sociais e morais da época. A análise evidencia que Mateus, marcado pela pobreza e exclusão, partilha com Akin uma condição marginal, o que desafia leituras simplistas de exploração imperial. Conclui-se que Piñon constrói uma narrativa de tensão e resistência, em que desejo e dominação se entrecruzam, revelando tanto a vulnerabilidade dos sujeitos quanto a possibilidade de redefinição identitária. O artigo demonstra que a obra de Piñon problematiza as intersecções entre desejo, poder e moralidade, projetando no percurso de Mateus a crise de identidade individual e nacional, e sublinhando a relevância da literatura como espaço de reflexão crítica sobre colonialismo e sexualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Nélida Piñon; colonialismo; alteridade; sexualidade.

ABSTRACT: The article analyzes the novel *Um Dia Chegarei a Sagres* (2020), by Nélida Piñon, with the objective of understanding the representation of the “African” Akin and his relationship with Mateus, narrator and protagonist. The study employs a method of critical literary analysis, articulating historical, social, and cultural references of the nineteenth century with theories on colonialism, alterity, and sexuality. The results of the investigation show that the homoaffective relationship between Mateus and Akin is inscribed in an ambiguous space, at times reproducing dynamics of power and colonial domination, at other times subverting the social and moral norms of the period. The analysis demonstrates that Mateus, marked by poverty and exclusion, shares with Akin a marginal condition that challenges simplistic

readings of imperial exploitation. It concludes that Piñon constructs a narrative of tension and resistance, in which desire and domination intersect, revealing both the vulnerability of the subjects and the possibility of identity redefinition. The article shows that Piñon's work problematizes the intersections between desire, power, and morality, projecting onto Mateus's trajectory both an individual and national identity crisis, and highlighting literature as a space for critical reflection on colonialism and sexuality.

KEYWORDS: Nélida Piñon; colonialism; alterity; sexuality.

1 Introdução: Nélida Piñon e o Romance *Um dia chegarei a Sagres*

Nélida Piñon dispensa apresentações, sendo amplamente reconhecida como uma das mais importantes escritoras brasileiras contemporâneas. Membro e ex-presidente da Academia Brasileira de Letras, Piñon ocupa um lugar destacado na literatura mundial, com obras traduzidas para diversos idiomas, consolidando a sua relevância além das fronteiras do Brasil. Na sua obra literária, podemos observar a exploração de um vasto leque de questões que são não só brasileiras, como universais, através do uso de uma linguagem sofisticada e sensibilidade apurada. Ao longo de sua carreira, Nélida Piñon tem sido uma voz fundamental na literatura de língua portuguesa, tanto pela sua habilidade narrativa quanto pelo seu papel ativo na defesa dos direitos culturais e artísticos, notadamente durante a ditadura militar brasileira, posicionando-se como uma referência inquestionável na literatura latino-americana e para além desta.

No seu romance mais recente, *Um Dia Chegarei a Sagres* (2020), a autora revisita temas como a liberdade e as barreiras impostas pelas estruturas sociais, narrando a jornada de Mateus, um jovem camponês do século XIX em Portugal, em busca de emancipação. *Um Dia Chegarei a Sagres* demonstra, além de um forte engajamento com questões históricas e sociais, uma estética única que distingue a sua obra. Neste espaço, dedicarei a minha análise ao seu último romance, com especial foco na relação entre Mateus, o narrador, e Akin, denominado de o "Africano." O objetivo central é examinar como esse "outro," proveniente de África, é representado e configurado na narrativa. A presença de Akin sugere uma interseção entre identidades culturais e geográficas distintas, levantando questões sobre alteridade, colonialismo e dinâmicas de poder entre o centro e a periferia. Numa entrevista,

a autora faz uma reflexão que nos pode ajudar a situar a génese do envolvimento íntimo que mais tarde assombrará Mateus: “Graças às vivências infantis, desfrutadas na rural Cotobade, Galícia, ao longo de dois anos, pude avaliar as frustrações de Mateus e Vicente, sempre temerosos de lhes falhar as colheitas, ou lhes morresse um animal. Eu sofria com suas lamúrias quando aravam o solo ingrato. Enquanto registrava a sexualidade exacerbada daqueles homens, o assombro que o corpo lhes provocava. A fantasia que os compensava e tinham ao seu alcance” (Del Priore, 2020, p. 134). As palavras da autora evocam as tensões que permeiam as interações de Mateus com Akin, sugerindo que a alteridade não se limita a um aspecto geopolítico, mas também emerge nas complexidades dos desejos corporais e fantasias que, como Piñon sugere, compensam os limites impostos por circunstâncias materiais e sociais.

Uma das questões centrais que se coloca ao analisar a relação entre Mateus e o “Africano,” é como Nélide Piñon constrói a figura do “outro” africano e quais as implicações dessa representação para a narrativa. A figura de Akin transcende o mero papel de “exótico” ou “subordinado,” inserindo-se num espaço de tensão entre as dinâmicas de poder do Império e a busca por liberdade e pertencimento. Nesse sentido, a relação homoafetiva entre Mateus e Akin pode ser lida de duas maneiras: por um lado, como um reflexo do entrecruzamento entre poder imperial e desejo, onde a homossexualidade não pode ser dissociada das dinâmicas de dominação racial e subordinação; por outro, como uma forma de resistência à ordem social e moral do século XIX, desafiando as rígidas normas impostas pela sociedade europeia imperial.

Em relação à primeira leitura, questiono até que ponto a relação entre os dois personagens perpetua a lógica colonialista, onde o corpo do “outro” africano é controlado, desejado e explorado pelo personagem europeu. O colonialismo, nesse contexto, é mais do que um sistema político ou económico — ele também se manifesta nas relações interpessoais, especialmente nas que envolvem desejo e intimidade. Assim, o “outro” africano torna-se não apenas objeto de dominação económica, mas também de controle simbólico, onde a sua identidade e corpo são moldados pelos desejos e necessidades do sujeito que pertence ao Império.

Por outro lado, a relação entre Mateus e Akin pode ser interpretada como um espaço de resistência, suvertendo ordem imperial, moral e racial estabelecida que permeava o Império. A sexualidade entre os dois desafia as convenções sociais da época, rompendo com as regras de “normalidade” que sustentavam as hierarquias e propondo um novo espaço de interação entre o sujeito branco e o “outro” que vem de África, espaço este que se configura na metrópole. Embora a relação evidencie as tensões e desigualdades

inerentes ao colonialismo, ela também cria um ambiente de intimidade onde esses papéis podem, pelo menos temporariamente, ser suspensos ou invertidos. Esse ato de desejo abre a possibilidade de uma redefinição tanto do “eu” quanto do “outro,” permitindo que Akin se posicione não apenas como o “outro” subjugado, mas como um agente capaz de influenciar a dinâmica entre os dois. No entanto, como veremos, essa relação não é isenta de complexidade e ambiguidade. Apesar de Akin ser subjugado pelo sistema colonial, ele também encontra formas de subverter essa ordem por meio da intimidade que estabelece com Mateus. Mas como interpretar o seu suicídio senão como a expressão da tensão ambígua do poder que permeia essa relação? Por sua vez, a necessidade de Mateus de narrar as suas memórias em busca de perdão por esse “pecado” que leva à morte revela não apenas uma culpa profunda, mas também uma tentativa de conciliação entre a sua identidade pessoal — o eu desejante — e a identidade imposta pela sua posição social, moral e religiosa. Essa busca por reconciliação torna-se um ponto central na narrativa, evidenciando a luta interna de Mateus e refletindo as complexas intersecções entre desejo, poder e moralidade no contexto imperial do Portugal oitocentista.

2 Mateus e as dinâmicas da sexualidade no século XIX

Mateus, nascido no século XIX, vive em uma época marcada por profundas desigualdades sociais e injustiças, refletidas na sua observação de que a “turba de sangue real ainda não decretou a verdadeira abolição da escravatura, aquela ocorrida em 1869” (Piñon, 2020, p. 7). O narrador cresce na pobreza, no Minho, como filho ilegítimo de uma mãe prostituta. A sua sobrevivência e formação emocional devem-se ao avô Vicente, que o acolheu e amou desde o nascimento, tratando-o como se tivesse sido concebido por um milagre no seu ventre (Piñon, 2020, p. 41). Mateus sublinha que nunca foi registrado, não fazendo parte do “numerário português” (Piñon, 2020, p. 118). A escola proporcionou-lhe, talvez, a sua maior riqueza: a imaginação. O professor tinha despertado nele a consciência de que “havia outros mundos atrás do que eu via” (Piñon, 2020, p. 15). No entanto, a possibilidade desses outros mundos trazerem algo benéfico é questionável. Após alcançar e abandonar Sagres, Mateus testemunha, em suas viagens, a submissão, a exploração, e a violação da humanidade do outro, ou seja, a escravidão, revelando as duras realidades que permeiam a experiência colonial e suas implicações éticas.

Ao escolher narrar a sua própria trajetória, o romance transforma-se em uma obra de memória, que nos transporta para um tempo e espaço específicos: um Portugal

preso a princípios desumanos e comprometido com a expansão territorial e económica. Essa busca pelo controle de novos espaços, que remonta ao século XV, sob a liderança do Infante D. Henrique, permeia a imaginação de Mateus, mesmo tendo ele nascido numa região periférica, ao norte do país. Depois da morte do seu avô Vicente, Mateus, motivado pelo sonho de alcançar Sagres, abandona a sua aldeia minhota e percorre o país de norte a sul. Esta jornada reflete não apenas o seu desenvolvimento emocional e crescimento pessoal, mas também a aquisição de experiências de vida significativas. Ao questionar: “Quem sou sem as ruínas das urbes humanas e sem os pedaços da minha existência? Quem sou sem estas histórias, meus escombros?” (Piñon, 2020, p. 8), Mateus expressa uma inquietação existencial que permeia toda a narrativa. O questionamento acerca da identidade e do sentido da própria história é enfatizado quando afirma: “As memórias me invadem, não têm sequência, não têm ordem, não têm juízo. A memória é alvissareira para os felizes. Para mim, é ingrata. Não vale guardá-la entre os meus pertences” (Piñon, 2020, p. 13). Essa reflexão é reforçada em outros momentos, em que o personagem observa: “Quase a se desfazer, o movimento da cadeira, para a frente e para trás, ajuda-me a divagar. Aliás, o que mais tem um velho a que se dedicar senão refletir a propósito do que nunca teve? E ciente de que não disporá de muito mais tempo para encerrar o debate interior que há muito vem travando” (Piñon, 2020, p. 399). Estas passagens revelam-nos a profundidade da luta interna de Mateus, que busca entender o seu lugar no mundo e o significado de sua trajetória em meio à efemeridade da vida. O debate interno é, em grande parte, alimentado por questões relacionadas com a sua sexualidade, tema que explorarei com mais profundidade.

No final da sua longa jornada, ao retornar a Lisboa, a sua última paragem em vida, Mateus vê-se reduzido a um punhado de moedas, quantia insuficiente até mesmo para alimentar seus sonhos, que ele descreve como “sobras do trabalho quase escravo, das viagens onde outrora nós, os lusos, imperamos” (Piñon, 2020, p. 8). Essa miséria que permeia o seu quotidiano não é apenas uma reflexão da sua própria situação, mas um prenúncio da decadência que aguarda um país cujas ambições coloniais culminarão, mais tarde, em fracasso. A narrativa de Piñon não apenas retrata a desilusão individual de Mateus, mas também espelha a crise de identidade e a perda de prestígio de Portugal no contexto das suas empreitadas coloniais, sugerindo uma interligação profunda entre a trajetória pessoal do protagonista e a história coletiva de uma nação imperial em declínio. Como afirma Miguel Bandeira Jerónimo (2015, p. 11), a participação de Portugal na Conferência Antiescravagista de Bruxelas, realizada entre 18 de novembro de 1889 e 2 de julho

de 1890, ilustra o esforço do país em defender a legitimidade e relevância de seu projeto colonial. Segundo Jerónimo (2015, p. 11) durante a conferência,

os representantes portugueses (Henrique Macedo, embaixador de Portugal em Bruxelas e antigo ministro da Marinha e do Ultramar; Augusto Castilho, oficial da Marinha que tinha sido governador de Moçambique; Brito Capelo, explorador e oficial da Marinha Portuguesa; e Batalha Reis, cônsul em Newcastle) estavam ‘munidos de memórias, documentos e cartas geográficas’ com as quais procurariam demonstrar a secular ‘atividade administrativa, científica e humanitária’ de Portugal em África¹.

Nesse sentido, Piñon não apenas reflete a falência das ambições coloniais portuguesas, mas também revela como a identidade e o destino de Portugal estavam intrinsecamente ligados ao fracasso dessas empreitadas, projetando essa crise nacional na subjectividade fragmentada de Mateus.

No romance, o percurso de Mateus insere-se num contexto histórico marcado pelas rígidas normas sociais do século XIX, particularmente no que tange aos papéis de género e às formas de controle da sexualidade. Como discutido por Maria Gabriela Moita, até meados do século XIX, as relações homoeróticas não eram categorizadas como pertencentes a uma identidade específica, mas sim vistas como escolhas ou atos, cuja permissividade variava. A partir dessa época, contudo, a homossexualidade começa a ser entendida como uma identidade distinta, refletindo uma mudança de percepção que passa a patologizar esses comportamentos, considerando-os como “perversões” (Moita, 2001, p. 34). A repressão e as perseguições legais aos homens que se desviavam dos papéis esperados, como o de provedor familiar, consolidaram a ideia do homossexual como um sujeito diferente, frequentemente enquadrado em discursos médicos e morais que buscavam controlar a sexualidade de forma sistemática.

Mateus, produto deste século e nunca registrado formalmente, vê a sua própria identidade marginalizada desde o início, já que ele não faz parte “do numerário português.” A pobreza, a ilegitimidade e a exclusão social ecoam as categorias rígidas impostas pela sociedade burguesa, como apontado por Mário César Lugarinho (2003, p. 138), que observa como os papéis sociais de homem e mulher no contexto

¹ the Portuguese representatives (Henrique Macedo, Portuguese ambassador in Brussels and former minister of the navy and overseas; Augusto Castilho, a naval officer who had been governor of Mozambique; Brito Capelo, an explorer and officer in the Portuguese Navy; and Batalha Reis, consul in Newcastle) were ‘armed with memoirs, documents and geographical charts’ with which they would demonstrate Portugal’s secular ‘administrative, scientific and humanitarian activity’ in Africa.

da família burguesa eram predeterminados e influenciados pelas necessidades do capitalismo emergente. No entanto, essas rígidas estruturas familiares e sociais, ao não responderem às necessidades individuais e culturais, geraram sentimentos de inconformismo e decadência. Além disso, Lugarinho ressalta que os conceitos de degeneração e decadência eram comuns na virada do século XIX para o XX, oriundos de um discurso sanitarista que associava a regeneração à ascensão moral e física da sociedade. Em Portugal, com a proclamação da República em 1910, esse discurso estava presente desde meados do século anterior, com a Geração de 1870 discutindo a necessidade da regeneração nacional. A literatura naturalista de Eça de Queirós, por exemplo, abordava as “enfermidades” nacionais e a urgência de seu tratamento. Nesse contexto, “e lembrando que o século XIX celebrou a comunhão entre saúde física e moralidade, a homossexualidade deixando de ser pecado, passou a assunto clínico, sanitário e criminal” (Lugarinho, 2003, p. 140).

Piñon retrata a trajetória de Mateus como um reflexo desse colapso de promessas imperiais utópicas e sociais, uma vez que ele testemunha e experimenta as formas de submissão e violência impostas tanto pela pobreza quanto pelas hierarquias de poder que permeiam a sociedade em que vive. Como veremos em mais detalhe, o percurso de Mateus situa-se na confluência dos discursos de controle social, sexualidade e decadência, sendo estes personificados na figura de Matilde, uma mulher cuja presença no romance funciona como um ponto de convergência para essas tensões. Matilde emerge não apenas como uma figura feminina, mas também como um símbolo dos constrangimentos impostos pela sociedade patriarcal do século XIX. A sua relação com Mateus reflete, de forma emblemática, as forças sociais e morais que regem as dinâmicas de poder e as expectativas de comportamento sexual, ao mesmo tempo que questiona os limites impostos a ambos os gêneros nesse cenário de repressão e decadência. Ao observar as “ruínas” das urbes humanas e os escombros de sua própria existência, Mateus questiona constantemente a sua identidade, que vai além das normativas impostas pelo seu tempo e espaço, remetendo também às tensões coloniais e de poder que atravessam a sua vida.

Ao longo da sua jornada em direção a Sagres, Mateus enfrenta “a façanha de enfrentar homens e feras. Uma andança que me levaria a dormir ao relento, na penumbra, como filho de uma solidão que talvez me roubasse a esperança de um dia chegar a Sagres” (Piñon, 2020, p. 23). A cidade de Sagres emerge como um símbolo de orientação e mito, ambos reforçando o destino de um humilde camponês do norte, ansioso por transcender a sua condição e cumprir um destino maior. Esse destino, em sua imaginação exacerbada, parece estar associado à conquista de um

lugar à mesa ao lado do Infante, com quem sonha partilhar da mesma grandeza, ou mesmo à sua transformação num navegante heróico, como Gil Eanes, “que, sob o fulgor de insana audácia, desde o convés de uma embarcação, com as velas prestes a se rasgarem, enfrentando intempéries, ventos diabólicos, os monstros e as sereias ali havidos, finalmente ultrapassou o Cabo Bojador. Uma ação que agigantou o mundo para os portugueses” (Piñon, 2020, p. 27). As narrativas históricas que ouviu durante a sua vida mantiveram-no prisioneiro de uma visão idealizada do país, impedindo-o de discernir plenamente “quem fomos no passado e em quem nos convertemos” (Piñon, 2020, p. 28), uma resposta que só começa a ganhar forma mais tarde, durante suas viagens por África e pelo Brasil.

A personagem de Vicente, avô de Mateus, por outro lado, representa a sabedoria ancestral do povo, alicerçada na experiência e na prudência que caracterizam a vida rural. Ele, conhecedor das durezas da existência, advertia constantemente o neto sobre os perigos da vida e as ilusões que esta lhe poderia reservar. A sua sabedoria não era fruto de leituras eruditas, mas sim da observação prática do mundo, do conhecimento das brechas e vulnerabilidades que fustigam os mais desatentos: “O avô apurava-se nas advertências. Sem mais pedia-me que atentasse às brechas havidas no mundo e que nos fustigavam. Observasse a existência daqueles que despertavam pela manhã sem a ciência da vida, de nada sabendo, nem para onde ir” (Piñon, 2020, p. 31). Ele pressentia, com angústia, que Mateus estava condenado a seguir um destino marcado pela desorientação e pela atração perigosa pela “ferocidade alheia” (Piñon, 2020, p. 31), o que o tornava vulnerável às armadilhas do mundo, especialmente às que se encontravam no mar, símbolo de liberdade, mas também de destruição. Alertava-o ainda para a sua tendência de se deixar seduzir pelos perigos ocultos nos sonhos de grandeza e aventura. Na sua visão, esses sonhos não eram salvadores, mas sim veneno para a alma, algo que, em vez de libertar, enredava o indivíduo numa espiral de ilusões e decepções: “Desconfiava ser este o meu destino. [...] Para quem os sonhos envenenavam em vez de salvar” (Piñon, 2020, p. 31). A sabedoria do avô, enraizada na desconfiança das promessas vãs, sugere que a busca de Mateus por algo grandioso — como chegar a Sagres e realizar feitos épicos — poderia ser uma armadilha, uma intoxicação lenta causada pela fantasia de uma vida que nunca lhe traria o almejado sentido de realização ou pertença. Desta forma, a figura do avô funciona como um contraponto ao idealismo de Mateus, oferecendo-lhe uma visão mais crua e realista da vida e das suas inevitáveis frustrações.

3 “Um dia chegarei a Sagres com tudo o que sou”: o conflito (homo)sexual

O mote que dá título ao romance aparece de forma recorrente nas evocações de Mateus, funcionando como a força motriz por trás de sua perseverança em alcançar Sagres. Vencendo quilómetros de norte a sul, ele afirma: “Assim ia agindo ao longo da marcha, cumprindo em terra a mesma odisseia vivida pelo Infante no mar” (Piñon, 2020, p. 175). Prosseguindo determinado em sua jornada, Mateus avança na “busca do meu apocalipse” (Piñon, 2020, p. 185), até que finalmente alcança Sagres. Ao chegar, contempla o mar, “como se fosse meu,” e, tomado pela emoção, consulta o “comparsa Infante.” Este, alarmado com as ondas que se quebram violentamente contra a muralha, “ladrava avisando-me dos perigos que ambos corríamos” (Piñon, 2020, p. 193). Nesse momento, Mateus compreende que “não havia paz em Sagres, só fantasmas,” deparando-se com “sinais imperceptíveis” que o alertam de “ameaças iminentes,” prontas para cair sobre ele, antecipando assim “uma tragédia” (Piñon, 2020, p. 193-194). Na vila, Mateus encontra hospedagem na casa do alfarrabista Ambrósio, um homem solitário cuja única companhia consistia nos personagens dos livros que “lhe alimentavam a imaginação” (Piñon, 2020, p. 205). Durante a sua estadia, Mateus passa a trabalhar na taberna de Nuno, inserindo-se na vida local e estabelecendo uma nova rotina enquanto prossegue na sua jornada existencial. Mesmo em Sagres, ele percebe que a sua busca por pertencimento continua frustrada, já que “seria sempre um minhoto sem linhagem.” O questionamento sobre o sentido de sua presença ali revela-nos que, independentemente do lugar, o vazio existencial e a falta de alento persistem:

Exausto, eu repousava por alguns minutos no depósito das garrafas. Sozinho, com Infante próximo, eu questionava o que viera fazer em Sagres, além de conhecer o Infante. A resposta esbarrava em uma realidade a confirmar que não importando onde estivesse, seria sempre um minhoto sem linhagem, à cata de um alento que me seria negado (Piñon, 2020, p. 208).

Durante a sua estadia em Sagres, Mateus conhece Matilde, uma mulher descrita como “ardilosa,” cuja astúcia inspira temor entre os moradores. Além de “zela[r] com denodo a herança recebida do marido” (Piñon, 2020, p. 210), Matilde exhibe uma postura reprovadora em relação àqueles que se atrevem a sonhar, refletindo a rigidez das normas sociais que permeiam a comunidade: “E com o coração aparentemente pouco afeito às manifestações emotivas, seu traço visível era de uma

guerreira aparelhada a terçar armas” (2020, p. 249). Ao mesmo tempo, Mateus apaixona-se pela sobrinha de Matilde, Leocádia, que esta mantém oculta dos olhares da vila devido a uma deformidade de nascença. Leocádia, alheia ao julgamento social, surge como um símbolo de vulnerabilidade e de submissão aceitação a um ambiente que valoriza normas rígidas de aparência e comportamento. A atração de Mateus por Leocádia enfatiza a sua busca por conexão e autenticidade em meio a um cenário de segredos e exclusões. Mateus intui que, “desde que conheceu Matilde, suspeitei que abandonaria a casa de Ambrósio no futuro mesmo sem me despedir, quando julgasse penoso permanecer em Sagres como escravo das emoções, das moedas que devia amearhar” (Piñon, 2020, p. 238-239). A sua posição de vulnerabilidade intensifica-se quando Matilde o apresenta a Akin, “o Africano,” um encontro que desencadeia uma profunda luta interna relacionada com a sua sexualidade. Essa apresentação não apenas confronta Mateus com novos desejos e possibilidades, mas também lhe provoca uma crise de identidade, à medida que ele se vê forçado a confrontar as suas próprias inseguranças e incertezas em relação ao desejo sexual. A figura de Akin representa tanto uma atração quanto uma ameaça ao seu sentido de autoconhecimento, ampliando as tensões emocionais e os conflitos que permeiam a sua experiência em Sagres: “Akin afligia-me e atraía-me ao mesmo tempo” (Piñon, 2020, p. 320). Na sua presença, Mateus experimenta uma mistura de vergonha e excitação, refletindo a complexidade de seus sentimentos em relação a Aki. Essa dualidade ou ambiguidade provoca um turbilhão emocional que o faz questionar as suas próprias inseguranças e desejos, revelando a profundidade da luta interna que permeia a sua busca por identidade, a ponto de evocar a memória do seu avô na esperança de que este pudesse “salvar o neto de si mesmo” (Piñon, 2020, p. 326).

Este conflito emocional/sexual destaca-se de forma insistente ao longo de vários capítulos. Num momento de intensa confusão emocional, Mateus observa:

Uns instantes de êxtase que se confundia com a jovem e o africano, que se igualavam no embate do desejo. Ambas anatomias, conquanto antagônicas e veículos de volúpia, regalavam-me um ardor que julgara exclusivo da natureza feminina. Mas temi de repente que o homem me fizesse gozar como uma mulher, e Leocádia como um homem (Piñon, 2020, p. 343).

Esta passagem ilustra a sobreposição de desejos que desafiam as normas de gênero, revelando a inquietude de Mateus diante da possibilidade de vivenciar a sua sexualidade de maneira ambivalente. Na seguinte passagem, uma imagem

metafórica captura a sua profunda crise de identidade e a angustiante busca por um lugar de pertencimento em um mundo que frequentemente o marginaliza:

[...] o Africano saiu porta afora sem se despedir, para enfrentar a chuva.

O rastro que ele largara fazia-me sofrer. Embora livre do perigo de sua presença, ele cindia-me a alma ao meio. Uma metade queria Leocádia e a outra descobria-se à deriva, na iminência de ser roubada.

Na casa do alfarrabista, questionei a mim mesmo que classe de homem eu era, nascido de mulher e de homem desconhecido. No espelho, já havendo raspado a barba, refletia-se o falso profeta que deplorava a pauta humana associada à besta do apocalipse (Piñon, 2020, p. 247).

No contexto do século XIX, é possível perceber a marginalização da diferença e o estigma associado ao que era considerado “desvio” sexual, refletidos na intensa luta interna de Mateus.

Matilde, frequentadora assídua da missa, aparece, deste modo, como uma figura de autoridade moral que, ao “ameaçar denunciar a perversidade minha e do Africano,” acaba por expulsá-lo de Sagres. Essa ação simbólica pode funcionar como uma alusão à Inquisição, que, ao longo dos séculos, tinha como objetivo “observe, record, contain, interdict, and castigate sexual activity outside of prescribed norms and customs as dictated by Catholic church dogma in the Portuguese metropole, as well as in its overseas colonial possessions” (Arenas; Quinlan, 2002, p. xxii). A postura de Matilde reflete a intolerância da época em relação à diferença e ao desejo, reforçando as tensões sociais que permeiam a narrativa: “Matilde recebeu-me indisposta com a presença, não me queria mais ver após a conversa nossa que surpreendeu no portão dias antes. Julgara o Africano e eu em estado de pecado abominável, portanto, diante de mim nesta visita, tratou-me como se já houvesse partido” (Piñon, 2020, p. 379-380). A postura de Matilde no contexto imperial do século XIX revela a intersecção entre normas sociais rígidas, imperialismo e questões de identidade pessoal. Durante este período, o Império Português, assim como outros impérios europeus, estava em plena expansão, e isso gerou uma necessidade de manter uma ordem social estrita, que refletia e reforçava a moralidade e as normas da classe dominante. Nesse sentido, a figura de Matilde pode ser vista como um símbolo da manutenção dessas normas, que excluem e marginalizam aqueles que não se conformam aos padrões estabelecidos. A intolerância de Matilde em relação a Mateus e ao Africano ressalta como o medo da diferença e da transgressão se manifestava em um ambiente imperial que buscava preservar a homogeneidade cultural e moral. A noção de pecado, de “diferença,”

e a condenação de desejos considerados “abomináveis” refletem a tentativa de controlar não apenas as relações interpessoais, mas também as dinâmicas sociais que poderiam ameaçar a estabilidade do império. A visão de Matilde sobre a relação entre Mateus e Akin pode ser entendida como uma reação ao temor de que a diversidade e a expressão de diferentes sexualidades pudessem desestabilizar essa ordem. Em resposta a essa intolerância, Mateus sente-se como um “náufrago”; ao deixar Sagres, expressa sua resignação ao afirmar que abandona “a utopia do príncipe que nunca foi a minha” (Piñon, 2020, p. 385). Esta reflexão de Mateus ressalta a sua busca frustrada por aceitação e pertencimento, refletindo a dor da marginalização e da solidão em um mundo que não aceita suas diferenças.

Se considerarmos a primeira leitura proposta, uma análise superficial da obra poderia sugerir que a relação entre Mateus e Akin perpetua a lógica imperialista, onde o corpo do “outro” africano é controlado, desejado e explorado pelo personagem europeu, sendo depois rejeitado por uma das “guardiãs do império.” Como afirma Anne McClintock, “as mulheres brancas não foram meras observadoras desafortunadas do império, mas foram ambigualmente cúmplices, tanto como colonizadoras quanto como colonizadas, privilegiadas e limitadas, objetos e sujeitos das ações sociais” (1995, p. 6). No entanto, essa interpretação desmorona quando confrontada com o medo de Mateus em relação à sua própria sexualidade e as suas reiteradas tentativas de fuga de Akin. Ao contrário do que poderia ser esperado numa dinâmica imperial, o “outro” africano, embora desejado, não é subordinado, controlado ou moldado pelos desejos e necessidades do sujeito europeu. A relação não se baseia numa exploração unidirecional do corpo colonizado, mas sim, como explorarei em mais detalhe, numa tensão que expõe as vulnerabilidades de ambos os personagens. Além disso, a classe social de Mateus, pertencente à baixa condição econômica, aproxima-o de Akin dentro do contexto da metrópole, desafiando as hierarquias imperiais tradicionais. Mateus, longe de ser um representante da elite imperial que subjuga o “outro,” partilha com Akin uma marginalidade social. Essa partilha de vulnerabilidade evidencia uma relação que não é apenas de desejo, mas de confronto com as próprias limitações e medos, reforçando a complexidade da interação entre ambos e afastando uma leitura simplista da colonialidade.

4 Akin e a desconstrução da sexualidade imperial

Achille Mbembe, em “As formas africanas de auto-inscrição”, argumenta que a compreensão histórica da subjetividade africana foi limitada por duas correntes de pensamento que dominam as narrativas sobre o continente: o “economicismo” e o “nativismo.” A primeira, fundamentada em categorias marxistas e nacionalistas, reduz a identidade africana à resistência e emancipação política, enquanto a

segunda promove uma essencialização racial, apresentando a “condição nativa” como núcleo da identidade africana. Ambos os enfoques se ancoram em três eventos históricos — escravidão, colonialismo e *apartheid* — que geraram alienação, expropriação material e degradação histórica, resultando na objetificação e perda da soberania do sujeito africano. Mbembe (2001, p. 173-175) critica como esses discursos simplificam a experiência africana, aprisionando-a em ideologias limitantes que obscurecem novas formas de imaginar o *self* e o futuro. Em vez de ampliar o debate com a filosofia, a psicanálise e outras formas de expressão cultural, essas correntes monopolizam a interpretação da história africana. Ao discutir as implicações políticas do pensamento iluminista em relação à subjetividade africana, Mbembe (2001, p. 178-179) destaca que o Iluminismo definiu a humanidade com base numa identidade universal fundamentada na razão, liberdade e moralidade. No entanto, durante o século XIX, surgiu a questão de saber se os africanos poderiam ser incluídos nesse círculo universal ou se representavam uma diferença ontológica irreconciliável. A vertente mais excludente do Iluminismo via no corpo negro a manifestação de uma alteridade radical, negando-lhe razão e consciência, o que justificava a sua objetificação e exclusão da plena cidadania humana. Com o início da colonização, essa lógica de exclusão foi reformulada: embora a identidade africana fosse agora reconhecida sob o nome de “tradição,” ela passou a ser inscrita numa ordem institucional hierárquica e desigual. Essa identidade particular, longe de garantir igualdade, legitimava discriminações e, nos casos mais extremos, sistemas de segregação, consolidando uma ordem social fundada na desigualdade. Mbembe analisa ainda como a questão da raça e da identidade cultural moldou o pensamento africano desde o século XIX, enfatizando a tensão entre tendências universalistas e particularistas. Por um lado, a identidade africana busca validar a sua pertença à humanidade universal, enquanto, por outro, insiste na preservação de sua diferença e singularidade, frequentemente ancorada na ideia de tradição. A raça é central para esse discurso, sendo vista tanto como uma característica fisiológica e moral quanto como fundamento para reivindicações políticas e culturais, reforçando hierarquias impostas pela colonização e pelo comércio escravista. Nesse contexto, conceitos como pan-africanismo e nativismo emergem, associando identidade racial e geografia, tratando a África como a terra exclusiva do povo negro e negando a possibilidade de múltiplas ancestralidades ou africanidades não-negras. A tradição é então revalorizada como uma tentativa de resgatar a dignidade perdida pela degradação histórica, projetando um retorno a uma africanidade autêntica. Deste modo, Mbembe (2001, p. 182-185) destaca que,

enquanto essas narrativas buscam restaurar a soberania africana, elas também correm o risco de reforçar a mesma lógica de exclusão racial que criticam, ao reduzir a identidade africana a um espaço geográfico e racial específico.

A análise de Mbembe sobre a construção identitária e as hierarquias impostas pelo colonialismo revela-se essencial para compreender a relação entre Mateus e Akin no romance. Do mesmo modo que Mbembe destaca a tensão entre universalismo e particularismo na identidade africana, Mateus, como homem branco português, ocupa uma posição ambígua dentro da lógica imperial: marginalizado por ser ilegítimo e pobre, mas ainda beneficiário de privilégios coloniais em relação ao africano. A entrada de Akin na narrativa não apenas inverte as expectativas coloniais, mas também força Mateus a confrontar as suas próprias inseguranças e desejos, ao encontrar-se face a uma figura africana que não se encaixa na subordinação esperada. A presença confiante de Akin ressignifica o espaço doméstico e desafia as categorias fixas de identidade e poder, gerando em Mateus um profundo desconforto e vergonha, ao mesmo tempo em que desestabiliza a sua percepção da masculinidade no contexto das relações imperiais.

Mateus descreve Akin como “um desconhecido, alto e barbudo, de tez escura, um africano da Costa do Marfim” (Piñon, 2020, p. 294). Sem clareza sobre se Matilde havia planejado o encontro ou sobre a razão da presença de Akin — fosse ele convidado ou destinado a realizar tarefas domésticas —, Mateus observa, contudo, que “mal se acomodou na sala, comportou-se como senhor. Sua naturalidade e ausência de zelo indicavam que os seres e os objetos congregados na casa pertenciam-lhe” (Piñon, 2020, p. 294). Essa postura confiante de Akin, contrastando com a incerteza de Mateus, subverte, desde logo, as expectativas tradicionais de subordinação associadas à figura do africano no contexto da metrópole, desafiando as normas de autoridade e posse sobre o espaço doméstico.

A postura de Akin ao ser questionado por Matilde revela não apenas a sua resistência em desvelar o próprio passado, mas também uma crítica incisiva ao caráter português. Ao “atacar o temperamento português” que, segundo ele, “oscilava entre reserva extremada e uma astúcia dissimulada” (Piñon, 2020, p. 318), Akin denuncia o tratamento que recebeu desde a sua chegada, evidenciando a sua alienação em um espaço que nunca o acolheu verdadeiramente. A queixa de que “não lhe deram guarida [...] de modo a sentir-se em casa” (p. 318) sublinha o seu sentimento de exclusão, uma experiência comum a muitos sujeitos colonizados que, apesar de fisicamente presentes na metrópole, eram subalternizados. Além disso, ao cobrar de Mateus “uma intimidade que nunca houvera entre nós” (Piñon, 2020, p. 318), Akin desafia as dinâmicas de poder e proximidade emocional, expondo as contradições da relação entre os *sujeitos* e os *objectos* imperiais.

A descrição do Africano, com a sua postura “enrijecida, como um capitão na proa do veleiro prestes a dar partida” (Piñon, 2020, p. 319), reforça a sua presença dominante e confiante, em nítido contraste com a inquietação de Mateus. Ao exibir-se “com naturalidade, orientado talvez pela tradição do seu povo” e ao expor “os seus troféus físicos” (Piñon, 2020, p. 320), Akin encarna uma masculinidade forte e afirmativa, que Mateus associa à cultura africana, numa tentativa de compreender a sua altivez. No entanto, essa exibição de força física e segurança pessoal não apenas desafia as expectativas de subordinação frequentemente atribuídas ao “outro” africano, mas também desestabiliza a própria percepção de Mateus sobre masculinidade e desejo. A confiança de Akin, longe de ser uma submissão ao olhar imperial, representa uma reivindicação de autonomia e identidade, o que gera em Mateus um desconforto profundo, deixando-o envergonhado e aflito. Esse embate revela a tensão que Mateus sente em relação à sua própria sexualidade e ao seu lugar no mundo imperial, onde o “outro” africano não se encaixa nos moldes da subordinação, mas surge como uma figura de poder e atração, desafiando as categorias fixas de dominador e dominado.

Chris Dunton (1989, p. 424) observa que a atribuição exclusiva da homossexualidade ao Ocidente é uma ideia recorrente na literatura africana, refletindo a visão de que as relações homossexuais seriam uma imposição colonial ou uma influência externa às culturas africanas. No entanto, o personagem Akin no romance contraria essa perspectiva ao não se enquadrar nesse discurso de subordinação ou de alienação cultural. Akin desafia a ideia de que a homossexualidade entre africanos só surge em contextos de contato com o Ocidente, ou que se restringe a dinâmicas de exploração. Apesar de Mateus, o protagonista europeu, experimentar conflitos internos e associar a sua atração por Akin a sentimentos de vergonha e alienação, Akin mantém uma postura de autonomia e naturalidade. A sua confiança e autoexibição indicam que ele não é meramente um objeto de desejo ocidental nem um símbolo de exploração sexual, mas sim um agente independente. Tal coloca em questão a ideia de que o desejo homossexual em África seja fruto de uma importação ocidental. Assim, ao invés de retratar a homossexualidade como algo “alienígena” e exclusivo do Ocidente, como é comum em obras da literatura africana mencionadas por Dunton, o romance de Piñon sugere uma realidade mais complexa. A relação entre Akin e Mateus não segue uma lógica de dominação colonial ou de exploração sexual. Akin é descrito como um homem que exerce poder sobre o seu próprio corpo e desejo, complicando a visão de que as relações homossexuais no contexto africano só ocorrem como resultado da influência

ocidental. Akin desafia, deste modo, a atribuição exclusiva da homossexualidade ao Ocidente e sugere que, na obra, as relações homoeróticas não são apenas um reflexo da dinâmica colonial, mas podem ser vistas como parte de uma identidade e agência africanas mais amplas.

A certa altura, Mateus descreve a voz do Africano como uma força que “escavava o corpo alheio” (Piñon, 2020, p. 334) revelando a profundidade da sua agência e do impacto que ele exerce sobre si. Essa expressão sugere não apenas um poder intrínseco do Africano, mas também a sua luta contra a opressão colonial e as consequências devastadoras que essa opressão teve sobre a sua identidade e cultura. Piñon ao apresentar Akin como o “esplendor de uma dinastia” (2020, p. 334), desafia as narrativas coloniais que frequentemente retratam os africanos como subordinados ou desprovidos de história e valor.

Enquanto Mateus luta com a sua própria sexualidade e as expectativas que a sociedade impõe sobre si, a figura do Africano representa uma resistência a essa opressão. Ele não apenas reivindica a sua própria identidade e dignidade, mas também obriga Mateus a confrontar a história colonial, os crimes cometidos e a dívida cultural que a Europa tem com a África. A tensão entre o desejo e o poder intensifica-se quando Akin exige que Mateus reconheça sua ancestralidade e as injustiças que a sua nação sofreu, levando Mateus a refletir sobre a sua posição dentro dessa complexa dinâmica: “Ao seu lado forçava-me a reverenciar esta genealogia africana dizimada pela Europa. Tinha ganas de pedir-lhe perdão pelos crimes colonialistas cometidos, segundo confirmava o alfarrabista” (Piñon, 2020, p. 334). O Africano também sugere que a sua busca por liberdade não é meramente uma questão individual, mas um clamor coletivo de um povo que ainda carrega o peso das traições passadas. Ao descrever a sua cultura e contrastá-la com a portuguesa, ele não apenas afirma sua própria identidade, mas instiga, igualmente, Mateus a questionar a sua:

Ele insinuara ser vítima de um universo a dever-lhe uma liberdade que ainda não desfrutara. O que poderia acalmá-lo? A ribalta, o ridículo humano, o arrebatado sexual? Defendia certos interesses com sua voz melíflua, talvez para convencer os ouvintes. Descrevia com riqueza de detalhes sua cultura contrastando-a com a portuguesa. Podia certificar-me de minha própria existência por meio de sua fala, da ênfase com que realçou o quanto a Europa devia à África, e eu a ele a cada amanhecer (Piñon, 2020, p. 335).

Ao contrário do que frequentemente se sugere, as vozes africanas não são meros ecos do colonialismo; pelo contrário, são forças ativas que desafiam e reinterpretam

essa narrativa. Num bilhete que Akin escreve a Mateus, ele revela uma história marcada pela violência, quando descreve como o seu pai agrediu sua mãe e ele o capou. Ao solicitar que Mateus o chame de “Afonso,” Akin expressa o desejo de enfrentar, mesmo que de maneira tardia, o império português que lhe usurpou o lugar no mundo, afirmando:

Sei que o triunfo de outrora não é meu e nem do ultramar de vocês. Não postulamos igual patamar. Fomos todos punidos com uma vida obscura; os dias pálidos apagaram as memórias do passado. Sim, chame-me de Afonso Henrique, caso aceite. Nome igualmente familiar ao Infante D. Henrique (Piñon, 2020, p. 361-362).

Akin, ao reivindicar um nome histórico, provindo da realeza, não apenas se posiciona como sujeito da sua própria história, mas também busca uma conexão com um passado que foi sistematicamente apagado pela exploração colonial. A sua demanda torna-se um ato de resistência e reapropriação, desafiando as estruturas de poder que tentaram silenciá-lo. Deste modo, o Africano não é apenas um objeto de desejo para Mateus, mas uma figura que representa uma história de violência e usurpação e a resistência a essa história. A sua presença não apenas provoca a vergonha de Mateus, mas também o convida a reconsiderar a sua própria identidade em relação a um passado colonial e às relações de poder que continuam a moldar a sociedade do século XIX. O apelo por reconhecimento e a chamada à ação que o Africano apresenta intensificam as tensões entre o desejo e a culpa, refletindo uma busca por liberdade e identidade que ressoa tanto a nível individual quanto coletivo.

5 Conclusão: A expurgação da culpa

Akin, ao impor a sua sexualidade e quebrar silêncios sobre as relações homoafetivas na história da África, representa uma narrativa de violência e usurpação, ao mesmo tempo que resiste a essa história. O seu suicídio, por outro lado, complexifica a visão linear das relações e representações do “outro” no romance de Piñon, pois este ato implica resistência, trazendo igualmente à tona uma ambiguidade que transcende a morte, ou seja, sugerindo uma espécie de assombração ou vingança que perpetua a sua memória e desafia a narrativa do esquecimento.

É Amélia, uma mulher oriental que “fora escrava” (Piñon, 2020, p. 464) e que, após retornar a Lisboa, acaba por viver com Mateus, quem o leva a confessar seu “pecado,” a dor que o consome e sufoca (Piñon, 2020, p. 501):

Amélia, escute bem o que eu gritava, sim, eu te penetrei homem, pensando que possuía Leocádia. Meu Deus! Que tragédia induziu-me a pensar que o corpo da mulher que amei fora emprestado ao Africano. E como aquele homem que há muito eu queria amar, ousou gozar, exclamar, rugir, exaltar-se, e tudo para me fazer crer que ele era a sobrinha de Matilde, que sua voz, subitamente feminina, me obrigasse a golpear seu corpo, furar, espetar, meter-me nele adentro quantas vezes fossem necessárias, já não podendo ele prescindir do meu sexo, e nem eu do dele, a dar-lhe espasmos que não se extinguíam. E ao estar nele eu me iludia de estar agindo segundo o reclamo da natureza, dos dois. E como não seria desse modo, se ambos acreditávamos estar obedecendo aos ditames de Deus, sequioso de reaver as culpas humanas. E não teria sido assim a medida do meu ato pecaminoso? O que fiz, Senhor? Se fiz o que queria e menti sempre? (Piñon, 2020, p. 502)

Após o ato sexual, Mateus diz a Akin que não deseja mais vê-lo e, “no afã de apagar o amor que ambos praticáramos” (Piñon, 2020, p. 503), começa a ofender o africano. Envolto em repulsa pelo que acabara de acontecer, expulsa Akin, que, “rastejando, queria tocar-me de novo, a pedir perdão por existir, por me desejar, por me amar” (Piñon, 2020, p. 503). Nesse momento, Akin “julgou dever fazer algo para me salvar, sanear a alma e o corpo” (Piñon, 2020, p. 504) e, em um ato de desespero, lança-se de uma mulhara ao mar, determinado a que Mateus não mais se livre dele. Mateus descreve Akin da seguinte forma: “O Africano era um gigante vindo da África que, após o amor, de tanga e peito nu, orgulhava-se de haver cumprido, destemido, as leis da paixão, e não se esquivara de obedecer” (Piñon, 2020, p. 504).

Após o suicídio de Akin, Mateus embarca em um barco que segue uma rota comercial, conhecendo terras “antes vencidas pelos portugueses” e perdendo o orgulho que sentia pelo seu povo, que partiu em busca do sonho de um Infante. Neste caminho, ele se depara com a realidade do colonialismo, questionando: “quando nos redimíamos, e porque tardáramos em abolir a escravidão, a pena de morte?” (Piñon, 2020, p. 410). A morte de Akin simboliza uma conscientização em Mateus sobre os males que o seu povo infligiu a outros: “[...] e indago quem merece a chibata abrindo sulcos no lombo?” (Piñon, 2020, p. 411), incluindo-se como sujeito nessa ação coletiva de ruína do outro: “Sei o mal que fiz, e os demais que arrancaram com pinça de ferro os pelos púbis vizinhos dos testículos intumescidos a pretexto do gozo, e foram infelizes para sempre?” (Piñon, 2020, p. 411).

Mateus, ao perceber que os seres humanos “assemelham-se nos seus sentimentos” (Piñon, 2020, p. 335), reconhece a homossexualidade não apenas como uma expressão íntima, mas como um reflexo das tensões de poder, raça e identidade no contexto do Império do século XIX. A sexualidade entre Mateus e Akin

permite uma ambiguidade na dinâmica de poder: enquanto Akin é subjugado pelo sistema colonial, ele também subverte essa ordem através da intimidade. A relação homoafetiva entre eles oferece uma possibilidade de transcendência, onde as barreiras de raça e classe são temporariamente suspensas, permitindo um vislumbre de uma sociedade mais igualitária, mesmo que marcada pelas contradições do colonialismo.

Nesse sentido, a busca proposta por Achille Mbembe de alternativas que reconfigurem a subjetividade africana através de práticas plurais e conectadas é significativa. Mbembe argumenta que tentativas de definir a identidade africana de forma unívoca têm falhado, pois permanecem presas a uma concepção de tempo como espaço e identidade como geografia, resultando na rejeição de noções como universalismo e cosmopolitismo. Ele destaca que o eu africano é frequentemente visto como vítima e mutilado. Desta forma, Mbembe rejeita uma identidade essencialista, afirmando que a identidade africana não é uma substância fixa, mas um conjunto dinâmico de práticas do *self*, marcado por instabilidade e variação, sem se reduzir a biologia, raça ou tradição. No entanto, Mbembe (2001, p. 198-199) também critica discursos que celebram essa indeterminação sem gerar novos entendimentos sobre a subjetividade africana. A solução não reside em resgatar uma essência perdida, mas em reconhecer o tempo e a memória como fundamentais para as práticas contemporâneas dos africanos, que estilizam suas vidas de maneiras múltiplas e interconectadas, refletindo a complexidade do presente.

A teoria de Mbembe oferece uma lente produtiva para compreender as dinâmicas de exclusão e poder que permeiam a trajetória de Akin. A sua identidade revela-se não como algo fixo, mas dinâmico, refletindo a complexidade da subjetividade humana. Dessa forma, Akin emerge como um personagem que encarna uma multiplicidade de experiências e práticas, desafiando as narrativas simplistas que frequentemente reduzem a identidade africana a estereótipos de vítima. A estética literária de Nélida Piñon, caracterizada por uma linguagem envolvente e rica em *nuances*, acentua as tensões de poder, raça e identidade no contexto do Império Português do século XIX, convidando o leitor a refletir sobre as interseções dessas questões na formação da história e da cultura, assim como nas vidas daqueles que a habitam. Piñon amplia a compreensão da complexidade das relações humanas num mundo actual ainda marcado pela desigualdade e pela luta pelo reconhecimento.

Referências

- ARENAS, F.; QUINLAN, S. C. Introduction. In: QUINLAN, S. C.; ARENAS, F. (org.). *Lusosex: Gender and Sexuality in the Portuguese Speaking World*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2002. p. xiii-xxxvii.
- DEL PRIORE, M. Entrevista: romance histórico & romance na história. Com Nélida Piñon. *Passages de Paris*, n. 20, p. 128-135, 2020.
- DUNTON, C. Wheyting Be Dat? The Treatment of Homosexuality in African Literature. *Research in African Literatures*, v. 20, n. 3, p. 422-448, 1989.
- JERÓNIMO, M. B. Between Benevolence and Inevitability: The 'Civilising Mission' of Portuguese Colonialism. In: JERÓNIMO, M. B. *The 'Civilising Mission' of Portuguese Colonialism, 1870-1930*. London: Palgrave Macmillan, 2015. p. 11-37.
- LUGARINHO, M. C. Literatura de Sodoma: o cânone literário e a identidade homossexual. *Gragoatá*, v. 8, n. 14, p. 133-145, 2003.
- MBEMBE, A. As formas africanas de auto-inscrição. *Estudos Afro-Asiáticos*, v. 23, n. 1, p. 171-209, 2001.
- MCCLINTOCK, A. *Imperial leather: Race, Gender, and Sexuality in the Colonial Contest*. New York: Routledge, 1995.
- MOITA, M. G. *Discursos sobre a homossexualidade no contexto clínico: a homossexualidade de dois lados do espelho*. 2001. 200 f. Tese (Doutorado em Ciências Biomédicas) – Universidade do Porto, Porto, 2001.
- PIÑON, N. *Um dia cheguei a Sagres*. Rio de Janeiro: Record, 2020.